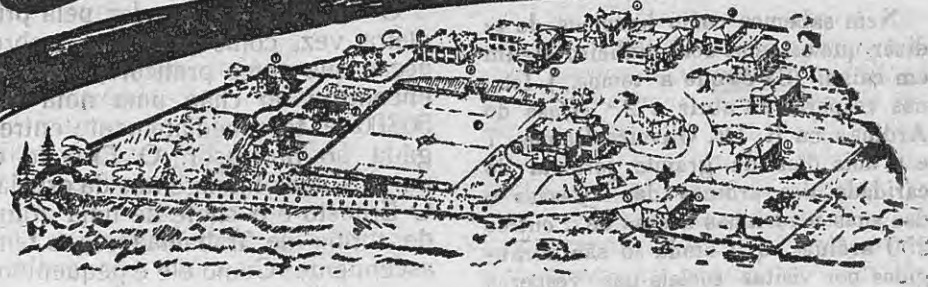




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Balato do Pôrto—Pago de Souza
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto
Visado pela Comissão de Censura

UMA CARTA

Ele há algo comum dentro de nós, fora e acima das relações e simpatias individuais. Uma tecla que vibra e faz estremecer vidas. Assim o dizem as cartas que no- chegam à mão em resposta à carta que daqui vai. «O Gaiato» é uma carta amorosa, dirigida aos homens de boa vontade. Sim; algo dentro de nós, que sobrevive à morte! E' preciso ter-se uma grande fé no «Nada» para acreditar que não haja nada e que depois da morte vem o «Nada!» E são tantos os que vivem desta fé! **Vamos acaná!**

Diga-me meu Padre se não havia só duas resoluções: ou a morte, ou tomar consciência que sobre nós está sempre o olhar de Deus, e oferecer-lhe a vida física e espiritual sobre a pedra do sacrifício. Escolhi esta. A transformação da minha alma foi tam radical, que a acho uma verdadeira revolução da minha forma de pensar, de crer, de amar, de compreender a vida. Sim. Há algo dentro de nós. O signatário da carta, declara as tremendas dificuldades a que está sujeito, derivadas das responsabilidades humanas que não me abandonaram. E logo a seguir canta um hino à mística dos cristãos.

Estou perto da mística dos mártires que não é outra coisa que a própria vida cristã, simples, sincera, lógica, perfeita. Fácil, até, uma vez que as bases estejam firmes. Dificilima, no caso contrário.

A tal fe no tal nada é que faz aquele superlativo na vida dos pobres mortais. O Mestre que hoje tomou a palavra para nos dar esta lição formidável de cristianismo, termina assim a sua carta:

A missão de «O Gaiato» deve ser a de criar na sua legião de leitores, aqueles sentimentos que preparam para a compreensão do cristianismo no seu original sentido místico, quando Cristo era para todos a Luz, o Amor, e a Força.

Era de uma vez um Rei que foi a um Profeta de Israel, pedir que o curasse da lepra. O Profeta ouviu o recado e, sem sair de onde estava, mandou dizer ao Rei que se lavasse 7 vezes no Jordão. O Rei trazia consigo um séquito mui complicado, e naturalmente, espe-

Continua na segunda página

GLÓRIA AO CISCO

NÓS ligamos muita importância à venda do nosso jornal feita pelo próprio garôto, e no relato que dela aqui fazemos, procura-se dar o máximo de objectividade. Pena tenho de não poder seguir os vendedores de perto ou de, ao menos, estar no Pôrto nos dias em que eles vendem. Comunicaria, desta sorte, mais vida e mais interesse a esta secção do jornal. Aquela vida e aquele interesse que eles comunicam à gente, no regresso da sua missão. Mas não tenho tempo.

A expedição do periódico é já, em si mesma, uma fonte de regosijo. E' na quinta-feira à noite, na nossa sucursal do Pôrto. O jornal está em pilha sobre a mesa do ping-pong. Os pequeninos obreiros começam a chegar da loja e da fábrica, e esfregam as mãos de contentes, ao verem a tarefa daquela noite. A hora marcada, o Luciano dá sinal de principiar. Segue-se o silêncio à algazarra. Os rapazes depõem armas e vestem-se de homensinhos. Por volta da meia-noite está tudo empacotado e dentro de sacos, prontinho a seguir. O Senhor prefeito não esteve nem fez falta nenhuma. Agora que tudo está no seu lugar, os homensinhos depõem armas, vestem-se de rapazes e veem todos para a cozinha numa algazarra de botar abaixo, onde os espera um café muito quentinho e o pão da mesma sorte. O senhor prefeito também não assiste a este trabalho nem a sua falta se notou. Passa da meia-noite. As fábricas apitam cedo. *Boa noite rapazes*, diz o chefe e todos compreendem. Eis o quadro vivo da expedição do jornal. Se quizeres tirar a prova, a nossa casa é no 682 na Rua D. João IV.

A página da venda é muito mais iluminada. Não é por um simples capricho ou reclame, que se enviam os rapazes a vender. Há um segredo divino neste procedimento. Uma força construtiva. Uma prova realizada. Cada quinzena que passa é um novo espanto; para mim consolação e recompensa. Nunca se viu em Portugal e dentro de casas de educação, um jornal como o nosso, que faça escola e que seja escola.

Os nossos rapazes mostram-se, revelam-se. Teem infinitas ocasiões de fortalecer por si mesmos a consciência derrancada com que chegaram um dia aos nossos santuários. Habitua-se a contar dinheiro, a fazer trocos, a tratar com os homens, a prestação de contas, à honestidade. E' uma escola.

Mais. Eles dão lições ao mundo egoista do interesse que tomam por a venda do jornal, não se poupando a sacrifícios. Nem as distancias, nem o tempo, nem os transportes, nem os fiascos, nem a má aceitação, nada os faz desanimar. Eles trabalham para a comunidade. Teem o sentido do bem comum. Não aceitam nem pedem nada para si mesmos. Melhor do que eu, sabe estas verdades quem vê e trata com eles na rua. Parece presunção da minha parte, que eu diga tanto em favor destes rapazes sem ter conhecimento directo do que eles por lá fazem. Parece, sim. Pois ele não é verdade que o garôto da rua as pinta nas costas de toda a gente? Não podiam também estes enganar-me? Podiam sim, mas não o fazem. Sei que o não fazem. Sinto o amor que lhes tenho e isso basta! E' preciso que os educadores se encham desta verdade e não passem o seu rico tempo de compendiosinho na mão a vêr qual é a regra que melhor convem ao seu educando, e fazer aplicação; como se estes rapazes fossem figuras geométricas!

Nós não temos um sistema. O nosso compendio é o Evangelho. Amar o rapaz pelo que ele verdadeiramente é e pelo que ele verdadeiramente vale. No caso recente da *quadrilha* aqui descoberta, poderá alguém querer saber que meios vamos usar. Pois também para estes, sobretudo para estes, o unico remédio é ama-los. O desgosto de os vêr assim tão pequeninos, capazes de tamanhos males, é por si mesmo sangue que redime. Nós somos testemunha de transformações, mas não sabemos como é que elas se operam. Não damos fé. Assim é com o crescer, pelo pão que comem. E, até, a própria semente que deitamos nos nossos campos, ninguém dá fé de ela *morrer* e germinar! Na ordem da graça como na da natureza, tudo é silencio! A expressão da Eternidade, é o silencio. Deus não está nos ruidos.

Mais. Os nossos rapazes vão com o propósito de ajudar as despesas. Cumprem um dever. Os que vendem na Figueira e Coimbra e Miranda e Lousã, dão um grande avanço à nossa economia. Da mesma sorte os que

Continua nas páginas interiores.

UM PEDIDO

Eu tenho muita confiança no Pôrto. A's vezes, em horas de desanimo, ao ver-me pequenino diante de uma obra tão gigantesca, apoio-me na cidade e digo com os meus botões: Tenho o Pôrto atrás de mim. As obras continuam. Mas nada se faz sem tempo. O Pôrto tem muita pressa e manda para aqui rapazinhos da rua sem atender às nossas possibilidades de lugar. Esta semana vieram três todos da marca. Nós dormimos nos portais. E' um transe muito difficil o termos de mandar embora rapazes desta natureza, não só por eles, mas também pelo desgosto que isso causa aos nossos. Ora eu não levo a mal que o Pôrto assim proceda. E' a voz dos tripeiros a revelar compaixão. Não levo a mal, o que peço é que não mandem crianças da rua sem nós termos aposentos. Chegamos à meta dos cem. Sem construir mais casas, é difficil alojar mais.

ONATAL

Não é nada. E' somente um sinalzinho de alarme. Um toque a despertar. Ele há muitos senhores que organizam as suas listas do Natal, e a seu tempo mandam distribuir. São os felizes dispenseiros do mundo, que zelam com verdadeira prudência os bens que Deus lhes confiou. Mas há outros que não. Para estes, o toque. Não dês presentes a quem te possa retribuir. Isso fazem os mais. Dá aos que não teem nada e o Pai Celeste recompensa.

Somos aqui em Paço de Sousa uns cem. Nenhum vai a Casa, porque a não teem. O Pôrto afez-nos, logo no primeiro ano, a coisas boas... Esperamos.

CARTA DA

OBRA DO ARDINA

Lisboa, Calçada da Glória, 39

Nem sabemos como havemos de te dizer que estamos sem dinheiro algum em caixa. (Se é que a temos...) Isto, nas vespas de abrir a 2.ª «Casa do Ardina» na R. Dr. Oliveira Ramos, 7 e a dois dias da grande jornada de caridade dos ardinas das «Casas» e das suas madrinhas a casa de... outros 250 ardinas, que ainda só são abrangidos por visitas sociais nas vespas de Natal!

Se não ajudas, leitor amigo, a «Obra do Ardina» sossobrará à mingua de recursos, que não à falta de vida, graças a Deus!

Continuamos cada vez mais contentes com os resultados obtidos. Há nos nossos ardinas, qualquer coisa que os distingue dos mais.

Conseguiu-se muito em pouco tempo. Nota-se espírito de família entre eles. A alegria de um, é a alegria dos outros, a tristeza de um é partilhada e suavizada pelos outros... Assim, há dias, adoeceu-nos o *Júlio Paiva*—12 anos. Foi uma tristeza para os companheiros. Vinham participar-nos o... que sabíamos:

«O *Júlio* está cada vez com mais febre...»

«O *Júlio* deu entrada no Hospital...»

«Foi operado, mas ainda precisa de outra operação...»

«Precisa disto, precisa daquilo...»

Etc. etc.

Uns pedem para o ir visitar, outro, o *João Marques*, leva a generosidade mais longe, e pede à mãe, em casa, que lhe dê dinheiro para comprar uns bolos ao companheiro doente.

A mãe dá-lhe 500, e o *João* gasta-os todos em bolos. Chega à porta do Hospital, radiante. Tem que esperar e fazer esperar o *Júlio*, para o dia seguinte, pois não contou com o dinheiro para a senha de entrada...

E o grupo dos pequeninos—uns quinze—desanimado por não ver progressos nas melhoras do *Júlio*, resolve entrar na capela, e ficará lá alguns minutos em oração.

A' saída participam à professora:

«Estivemos a rezar por alma do *Júlio Paiva*...»

A que ponto pode ir o carinho deles! *Rezam por alma*... a pedir as melhoras e a cura do irmão doente!

Estas cenas e outras, comovendo-nos, animam-nos a mais o melhor, e dão-nos a certeza de que não morrerá uma «Obra» que conta com tantas generosidades... ardinas.

Tu, que nos lês, saberás dar-lhe o valor em dinheiro, estamos certas...

MARIA LUÍSA.

P. S. — Bem-haja quem nos enviou uns lindos pares de meias de lã. Parão parte dos presentes de Natal dos nossos rapazes. Precisamos mais... presentes de Natal, e géneros, etc., etc. Tudo nos serve.

Uma carta

Continuação da 1.ª página

rava instruções da mesma sorte; por isso, indignado disse para os seus: água também lá temos. Vamos embora. Ora...»

Se alguém apresentasse ao Mundo o modelo de vida cristã, simples, sincera, lógica, perfeita, como solução dos grandes problemas sociais que hoje flagelam a humanidade, os doentes diriam como aquele *Jesus*. Disse também lá temos. Antes que rem os sequitos de *Jesus*, o aparato, a novidade, as guerras!

Onde se fala dos resultados da venda

Cada vez que o jornalismo sai às ruas, é mais um tento a favor da Obra. É um pequenino *plus ultra*.

O Ernesto, foi vender pela primeira vez, como prémio da nobre acção que antes praticara, a saber: encontrou no chão uma nota de 50\$00 e foi imediatamente entregá-la ao professor. O Ernesto é um dos mais inteligentes da escola. O Ernesto é o chefe de uma grande turma de trabalhadores, e tem ascendente. Como ele é pequenino, eu disse-lhe que não venderia mais de 10 números ao que imediatamente respondeu que não: *eu vou atrás dos senhores e chateio até me comprarem*. Assim deve ter acontecido; o rapaz vendeu perto de 200 jornais e entregou uma data de acréscimos. O ponto mais consolador destas vendas, está precisamente nestes acréscimos. Alguns há que trazem mais dinheiro por fora do que o valor da própria venda. É uma prova de confiança que o Pôrto deposita nestes inocentes vadios de ontem. A camisola amarela vai às costas do Rodrigo. Os companheiros, um nadinha despeitados, afirmam que é sorte que ele tem. Além de muito dinheiro, apresenta muitas coisas. Desta vez, foram duas caixas com duas dúzias de roupa branca. *Um senhor da rua de Santo António anda a fazer um grande embrulho para mim*, declarou o feliz rapaz a esfregar as mãos de contente. *O que tu tens é muita sorte, mas não tens mais nada*, diz a malta. Eu cá digo na mesma. Pois o Rodrigo é muito chalado e jamais poderia formar na mesma linha dos nossos grandes azes da venda. O rapaz tem sorte. Sempre que vou à sucursal do Pôrto, Rodrigo vem muito fagueirinho pedir-me para ir buscar um irmão que tráz por lá. Tem graça observar como os nossos rapazes querem ir buscar parentes que por lá deixaram. O Luciano foi a Coimbra buscar um primo. O Zé Maria

Glória ao cisco

Continuação da primeira página

vendem no Pôrto e na vila de Paredes e brevemente na cidade de Braga.

Não é mais o *tostãozinho* que se dá ao vadio, conquanto cada um deles tivesse sido ontem o vadio do tostão. Hoje é outro cantar. Obter nas ruas «O Gaiato», é uma transação saudável. Afoita. Cria alma. Ergue a Nação. Todos gostam.

Interessar assim o próprio rapaz na obra deles, é outro passo saudável, que leva a grandes alturas. Eles retribuem. Não se deixam vencer em generosidade. Há tempos, eram três horas e faltavam em casa dois para almoçar. Que teria acontecido? Não aconteceu nada. Não quiseram vir embora sem vender tudo! O rapaz compreende que quem não dá tudo, não deu nada. Mas para isso precisa de sentir-se amado!

Eu insisto muito neste ponto. Como sei que o jornal é procurado e lido, desejo que nele não vão palavras daquelas que o vento leva. Antes que sejam matéria de reflexão. O Amor é regra. Não o amorzinho cerimonioso, mas sim aquele que mergulha na Cruz e que vem da Cruz. Disse.

tem um primo chegado há dias. Em muito boa hora vieram, pois que ambos fazem parte da *quadri-lha* aqui descoberta. O Poeta, quer ir buscar dois primos à terra e muito mais teria que dizer a este respeito, se não precisasse de espaço nem tivesse receio de ser maçador. Mas não são unicamente as vozes de dentro; é também clamor de fora que nos faz temer pelo clima social. Ora vamos ao correio de hoje. Abro uma carta da Feira: *é um verdadeiro horror a fome que passa esta família*.

Abro outra de Maíra: *Tem sete filhos, dois de colo, abandonados do pai*. Mais uma de Ribeira de Pena: *O pai está entregue ao Governo e pede que lhe tomem conta do filho para não ter a mesma sorte*. Abro ainda outra de Alenquer: *O pai, desesperado, abandonou o lar*.

Como isto fôra pouco, venho dar fora da porta com três vadios do Pôrto, o primeiro dos quais toma a palavra para dizer que dorme numa capoeira. Só agora reparo que este *Clima* não fica bem no capítulo da venda do nosso jornal que constitui a nota mais alegre das nossas actividades. Entrou aqui pela mão do Rodrigo e vai já sair para se dizer que o A madeu Elvas continua o campeão da venda. Que o Oscar tem formado o salto mas sem resultados; que o Avelino deliberou ir para a Igreja do Bonfim e esteve em riscos de apanhar uma sova de uma mulher que ali mendigava, mordida de inveja pelas esmoladas que caíam na saca do vendedor; que todos, de uma maneira geral, cumpriram o seu dever, tendo entregado 1.500\$00 da venda e mais 600\$00 de acréscimos.

Estamos a preparar as coisas para gritar em Braga. Hão-de ir três dos mais ousados, afeitos a pisar ruas e subir eléctricos e a refilar se fôr preciso. O pequenino que me escreve esta crónica informa que o Berdardino e o Júlio estão na marca.

P. S. — O Rodrigo acaba de chegar da Rua de Santo António com o tal embrulho, o qual era um envelope com cerca de 400\$00 em dinheiro miúdo. Diz ele que é numa loja com coisas muito bonitas e que diz na porta «Fantasia». Não sei mais nada. Só me resta agradecer.

Crónica da Casa do Porto

O Rui que está encarregado de mandar «lixar» os dentes tem-se descuidado e nem ele o tem feito.

O Rodrigo diz que o Periquito é um refilão e veio armar-se para o Pôrto. Pediu umas meias ao Rodrigo que é o roupeiro, mas este disse-lhe que não as dava sem ordem da Senhora. O Periquito como também é roupeiro em Paço-da-Sousa disse-lhe que ele não mandava nada e queria lá ir buscá-las. Mas o Rodrigo como é um rapaz cumpridor dos seus deveres não consentiu dando-lhe com um sapato na cabeça.

O João mais entusiasta tem sido o berlinda porque a nossa bola estava rebentada, mas graças ao Espelho da Moda, que sabendo esta notícia

Os nossos assinantes

Chegam às vezes cartas a pedir assinaturas «e que mandem a cobrança». O jornal vai logo. A cobrança, não «O Gaiato» não é uma Empresa. É, sim, porta-voz de uma obra Nacional. Não tem preço. É isento das praticas comerciais. O que verdadeiramente importa é a semente que ele «eva no seio». Se os leitos es não tem tempo para enviar o cheque, também eu não para mandar receber. Dito isto, passemos à frente e amigos como dantes.

Estou admirado que não tenha havido reparos à nossa maneira de publicar os nomes sem os atributos sociais a que todos andamos afeitos. Estou admirado. Não sei se é por acharem que assim está certo, ou se por medo de refilar. Eu cá gosto muito daquele nome simples que fica e que vale: o nome do Batismo; O nome cristão. É por esse nome, que a Igreja chama no officio dos mortos quando a poalha do mundo cai à entrada da terra da verdade. É por esse nome que a Igreja chama oficialmente os Apóstolos e os mártires, em tôdas as horas do dia e lugares do globo.

«Pedro Tiago, João, Xisto, Clemente, Alexandre, Cecília Anastácia, Inez». É o canon da Missa em assembleia de fieis, a chamar pelos grandes do cristianismo, sem aquele «excelentíssimo senhor» de que a gente tanto gosta.

Seguem mais nomes

Ccr. dos CTT. da Extremadura, 55\$; António Spencer Vieira, 50\$; Bernardino Santos, 20\$; Dr. Alexandre Alberto Sousa Pinto, 25\$; Emília Rêgo Santos, 50\$; Humberto Albano, 50\$; Maria Amélia Rabaça, 25\$;— todos de Lisboa.—Barão de S. João de Loureiro, 20\$; João da Silva Correia, 80\$; Ana de Serpa Brandão, 40\$;— todos de Oliveira de Azevedo.—Cândido Augusto Moraes, Leça da Palmeira, 50\$; Maria Celina M. da Silva, Leça da Palmeira, 12\$50; José Carvalho de Matos, 20\$; Abel Ferreira Pacheco, 25\$; Godofredo Pinto Sequeira, 25\$; Clementina Ribeiro Paupério, 50\$; Alcinda Teixeira, 50\$; Igreja S. Bento da Vitória, 20\$; Maria da Glória Mota Alves, (1 mês) 5\$; Artur Silva, 60\$; Manuel do Vale, 50\$; Dr. Fernando Maganço, 50\$; Joaquim Teixeira de Almeida, 50\$; Estêvão Coelho, 30\$; Maria Leonor Barreiros Salvador, 25\$; Maria Cristina Faria, 50\$; António Rodrigues Leite Júnior, 40\$; Artur de Moura Portugal e Brito, 40\$; Avelino Meneses Pinto Viana, 20\$; José Viana, 30\$; Alfredo Pacheco Azevedo, 40\$;— todos do Pôrto.—Manuel José S. Ferreira, Vila N. de Gaia, 20\$; Ildio Faria Guimarães, Vila N. de Gaia, 30\$; Maria Angélica Paupério M. dos Santos, Famação, 50\$.

logo nos ofereceu uma câmara, que era o que ela precisava.

O Luciano diz que vai organizar um grupo de Futebol aqui no Pôrto para depois ir jogar com os de Paço de Sousa.

NA nossa conferência foi admitido outro pobre morador na Rua de S. Nicolau ficando encarregados de o visitar o Luciano e o Ferreirinha.

Ao fazermos as nossas visitas ao nosso pobre reparamos que ele precisava muito de roupas, portanto ficam os leitores a saberem do que precisamos para os nossos pobres.

RECEBEMOS as seguintes coisas: 4 garrafas de vinho, 2\$50 na caixa do correio, 3 pares de sapatos e mais nada...

Nós-os-Dois

Mirante de Coimbra

4.º Visitar os enfermos...

P. S.—Espera-se que este seja o mirante quinzenal do Padre Adriano. Outrossim, que os leitores de Coimbra entreguem suas esmolas directamente ao Padre Adriano e não as mandem ao Padre Américo como tem acontecido. A Obra da Rua é que vale. Américos e Adriano passam. Ela fica. Quem troca a pessoa pela Obra não compreendeu; simpatiazinhas não prestam.

NÃO há como o sofrimento próprio para avaliar a dor alheia. Algumas esmolas que nos enviaram para o pobre Avelino, saíram, sem dúvida, de corações doridos que quiseram juntar as suas lágrimas às deste infeliz, para assim valorizarem uma súplica que há muito elevavam ao Alto. Quem me dera a autoridade dum St.º Ambrósio para, como ele, garantir a estas piedosas Mónicas que «não pode perder-se um filho de tantas lágrimas». São do teor seguinte, as cartas que recebemos:

—«Para o meu «Irmão Pobrezinho» do Almegue, envio 5\$00 para um litro de leite. Peço a esmola das vossas orações para um doente da alma e do corpo. Uma pobrezinha».

—«Peço ao infeliz Avelino a grande esmola dum P. N. pela conversão do meu filho».

—«Padre, se este nosso sacrifício é suficiente para não deixar morrer à míngua um nosso irmão, ele aí vai, na volta do correio, com todo o nosso coração».

—Respondendo à chamada, envio 100\$ para o doente do Almegue. Amigo sincero da «Obra da Rua» jamais posso esquecer essa inigualável maravilha».

Como estas, mais cartas caíram na Gráfica e na Casa do Castelo com as generosas quantias de 50\$, mais 20\$, mais 50\$, mais 100\$, mais 20\$, mais 20\$ e mais 20\$.

Muito bem. De leite está remediado o pobrezinho, durante três meses. Mas fiquei triste com um imperdoável esquecimento meu. Eram já passados quinze dias, quando ouvi gemer, de novo, com voz sumida: já estou enjoado do leite. Já não sou capaz de o tomar sem açúcar.

Corri a levar-lho. Agora quis proporcionar-lhe nova alegria, talvez a última, levando-lhe à cama o filhito que desde os sete meses, se criou na Casa do Gaiato—o Rui. O pequenito saltou-lhe para a cama, inconsciente das dores que o imobilizam. O pobre soltou um gemido e afogou em lágrimas a alegria daquele inesperado encontro.

Temos outros pobres e outros encargos que nos obrigam a esmolar. Bati a uma porta a pedir um cobertor para um pobre tuberculoso. Em dez minutos os teares puzeram-me dois nas mãos.

—Não precisa de mais nada, padre?

—Eu não, obrigado. Mas a Casa...

—Então não há-de perder as suas passadas.

Tome lá. Eram 500\$00 num envelope.

—Volte pelo Natal. O dinheiro, acrescentou, há-de ser meu escravo e não eu dele. Tenho sempre na lembrança este ditado: *não o levarás contigo*.

Deus cubra de bênçãos também quem nos enviou duas belas peças de flanela, uma dúzia de camisolinhas de lá e 50\$ de uma promessa.

Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Alberto Fontes

A tia Maria Tecedeira mora numa casa muito velha. Por dentro dela passa uma vala que vem da estrada e quando a chuva é muita, a água até corre pela cozinha fora.

É muito pobrezinha. Quando lhe lá vamos levar a esmola da Conferência ela diz-nos sempre: —aqueçam-se. Há dias fomos lá levar a esmola e ela disse já tinha as couves prontas à espera das batatas. Descascou duas e pô-las na panela. Ponha mais uma, disse o Albino mas ela respondeu: —Não, não. São duas por cada vez para durarem tôda a semana.

Às vezes há mulheres que ralham connosco. Não sabemos se é por não terem também a esmola se do que é. Duma vez íamos a passar junto de uma casa e olhámos para a porta que tinha uns bonecos pintados. E a velha sai de casa tôda zangada: —Vocês pensam que aqui é algum palácio?

Já andamos a varejar a azeitona. As oliveiras estão completamente carregadas, dos mais pequeninos o que apanha mais azeitona é o Augusto a quem nós chamamos o pião. Mas há dias foi à azeitona, e, em lugar de ir apanhar do chão, chegou-se à eira onde ela estava, encheu a vasilha para vir mostrar. Às vezes andam tantos em cima das oliveiras que até parecem pardais.

O Venâncio, que é o nosso padeiro, tem também a obrigação de tratar da vaca. De manhã dá-lhe logo água com farelo que ele tira da farinha. Está tão habituado a tomar aquêlê café, que já não quer a palha que vem misturada com a erva.

O ajudante dêle é o *carêquita*, às vezes quando estão reunidos os dois, contam histórias. Há dias o Venâncio para trocar dêle, disse-lhe assim: —Olha! tu queres saber uma coisa? Eu duma vez andava num certo sítio em cima de uma árvore e estava lá um ninho de enguias e eu meti a mão e uma mordeu-me. O *carêquita* acreditou e confirmou.—Lá na minha terra também há ninhos de enguia em cima das árvores que os rapazes às vezes acham.

O Manuelzito é tão pequeno que o Sérgio quando vai à erva o leva dentro do cêsto. Mas, mesmo pequenito, já é capaz de guiar o arco.

Quando andava a aprender sôzinho e o arco lhe caía muitas vezes, atirava com êle ao chão muito zangado e batia-lhe dizendo assim: —chupa, chupa, anda! E depois foi êle que quis ensinar o Rui, mas, como o Rui não aprendia nada zangou-se e voltou-lhe as costas.—Tu julgas que eu sou teu pai?...

Há dias disseram ao *três-pêlos* que andara um grande rato na cozinha do forno e êle, quando ia a tirar as batatas para os porcos, com medo do rato agarrou no balde das batatas, a ferver, às costas, e deitou a correr até à cozinha. O Velha mandou-o embora. Mas êle mais pelado que um rato gritava assim: —Não vou porque anda lá um grande rato que me come!...

O Tónio apesar de ser pequeno tem muito pêlo. Há dias andava êle a brincar e vai assim: —O Sérgio então não sou mais cabeludo que o snr. Professor?

Depois foi à hora em que o snr. Professor estava na escola e disse assim: —snr. Professor vá-me fazer *barba* que eu já lavei a cara.

No Domingo andámos a fazer uma garreada com o carneiro e vai êle marrou no Tónio. O Rui todo aflito foi dizer à Senhora: O Mãe, o Tónio marrou no carneiro!

O Barrigana trata tão bem as ovelhas que até sonha com elas. Numa noite estava êle assim a dizer sonhando: Beta, Beta, anda cá chibita! Vira ovelha... E depois começou a bater no travesseiro a julgar que estava a encharcar as ovelhas.

O Manteigas gosta tanto de jogar a bola que até com ela sonha também.

Foram-no chamar e êle estava então assim a sonhar.—Remata, remata, remata já!... Passa aqui a bola?!

À deriva

Êle morava no Bairro Alto, na cidade de Lisboa. A mãe, algures no Pôrto. O pai tinha há muito abandonado o Lar. Por razões de economia, foi resolvido que o pequeno fôsse buscar a mãe. Tomou lugar no combóio, sôzinho entre centenas de passageiros. Sôzinho, desembarca na estação de S. Bento. Andou sôzinho à deriva pelas ruas e vielas da cidade contra ventos e marés, dormindo onde calhava, comendo o que se lhe oferecia. Ele é um rapaz que apresenta dez anos, feições mui delicadas, olhos que falam verdade. Tanta gente passou por êle durante êsses quinze dias, sem descobrir a tragédia daquela vida inocente. Tudo quanto descobriu de sua mãe, foi que ela está a uma janela pintada e que o não quis receber. Esta declaração foi-me feita pelo próprio desherdado, de pé, no meio dos meus joelhos, e eu sentado, para assim poder reclinar a cabeça no seu peito magoado! Perguntei-lhe se aquêlê *pintado* se referia à janela ou à mãe, e êle respondeu que a mãe é que estava pintada. Hoje, na Casa de Paço de Sousa, o pequenino puxa a cadeira para a mesa quatro vezes ao dia, a comer do nosso pão.

Os visitantes continuam a afluir, mai-las visitantes. O inocente observa, repara. O fenómeno da associação de idéias leva necessariamente à indução. Que juízo fará êste filho, de uma cara pintada, sabendo que é assim a da mãe que o abandonou? Ele, que gostaria de a ter, mesmo que fôsse uma silva! Que juízo fará? Quem pode entrar dentro das almas? Quem é que conhece as coisas do espirito, a não ser o próprio espirito?

Terrível condição a do homem! Entre todos os animais, só êle é prisioneiro! Não pode fazer o que quere. Os seus actos têm repercussão. Terrível outra vez, por ser imortal! Se a morte fôsse o fim, doce coisa era viver. E' por amor dêste *doce* que muitos assim acreditam. Mas não, os nossos actos

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

O Zé Maria mai-lo Pereira, fartaram-se de barafustar esta manhã, porque se viram sem os botões das suas blusas. Trataram de indagar e vieram a descobrir que uma data dos mais pequeninos andavam a jogar o botão, os quais eram precisamente os botões que lhes faltavam. Ora isto é um acontecimento capital na vida da nossa casa. Se não acudirmos ao mal, fica tudo sem botões. O meio mais eficaz, é dar-lhes outro jogo. O jogo do pião. Ora aqui é que está. Nós precisamos de piões. Piões com suas faniqueiras. O rapazinho a quem eu dito estas regras, é o Amândio. Estremeceu agora mesmo, ao ouvir falar em piões e faniqueiras; o que não será aqui em casa, quando chegarem as primeiras remessas!?

Um anónimo quiz deixar um conto de reis no banco Espírito Santo. Donativos de menor monta tem chegado por carta dos quatro ventos da terra. Os visitantes, continuam a dizer que sim. Lisboa, respondeu com um pacote qualificado; era daquela roupa usada que faz os nossos amores. Rainha do Tejo, que deves ser a maior de tôdas pelo manto de água que vestes; afirma os teus créditos e manda mais pacotes! Eu nunca disse a ninguém, mas digo agora que uma senhora judia tem feito as honras daquela terra, com roupas usadas que nos tem mandado; e que roupas! Sei que ela experimentou os horrores da guerra, em terras onde não flutua a bandeira de Portugal. Que viu o seu nome numa lista para ser executada—e prestes a ser mãe!

Os golpes mais fundos que as guerras deixam, não são os que as armas fazem. A nossa judia voltou ao lar que agora procura reconstituir na companhia de seu marido, e os dois hão-de viver tôda a vida daquêlê golpe. Eu não entendo nada de políticas. Não sei porque perseguem judeus. Basta-me saber de fonte limpa que o pai Celeste faz chover nos campos de tôda a gente. Que não escolhe pessoas, nem cores, nem raças. Que ofereceu ao mundo um resgate e por êle quere que todos se salvem. Isto é doutrina segura. Podem errar os homens e muitas vezes erram, mas é com a doutrina que fazem. Doutrininha.

Tudo quanto não for semeado na vinha do Pai Celeste, será cortado pela raiz. E esta é justamente a razão por que se chama doutrininha às sementeiras falsas.

Mais uma grossa de camisolas de agasalho e meia dita de sacas escolares, de uma Família do Pôrto que faz tudo quanto pode para empobrecer por amor dos pobres, mas Deus não o permite, por amor aos pobres. E mais nada.

atravessam ombreiras terrivelmente misteriosas e ficam a dar testemunho. *Acreditas na vida eterna?* perguntava Jesus Cristo aos homens do seu tempo. Eu sou do tempo de Jesus. Eu quero ser do tempo de Jesus. Eu acredito na vida eterna, meu Senhor e meu Deus!

Crónica da nossa Aldeia

por José Eduardo

Continuamos a visitar os nossos pobres. O de São Lourenço anda cada vez

Pobres de Cristo

pior, muito doente. A mulher também está muito acabada e os dois demoram pouco tempo. O de Bairros anda também muito mal. Já mal pode andar e se não andasse agarrado ao pau, caía logo que desse a primeira passada. As do Assento vão indo menos mal. A sr.^a Glória esteve uma temporada de cama. A do Leal anda-me sempre a pedir a roupa para ela e para os filhos que não tem roupa nenhuma. Por isso rogo muito aos leitores deste humilde e pequenino jornal de fazer esse favor.

Temos recebido vários donativos de gente amiga da obra e destes pobres tão necessitados.

///

O nosso magusto este ano decorreu muito alegre além de não termos a presença do Sr. Padre Américo por ele estar doente e retirado de nós. O Rio Tinto mandou que todos fossem buscar às obras um braço de lenha para assar as castanhas.

— Quem não for buscar lenha não tem castanhas dizia o Rio Tinto. Como todos queriam ter castanhas todos foram buscar o seu braço de lenha. Fez-se a fogueira e então é que foi uma alegria. Era vê-los a saltar a fogueira. Alguns chamuscaram as calças entre as pernas. Depois de assadas as castanhas, foi-se dar a merenda. Pusram-se em bicha como é costume para receberem o seu quinhão. Depois de se dar a merenda ainda sobraram castanhas e formaram nova bicha. Quando todos souberam que havia mais castanhas nunca mais pararam.

— O Rio-Tinto, olha que eu só tive tantas dizia um. E eu também dizia outro. A's tantas, chega o Fernando (Maioral) e o Constantino (Cozinheiro) para receberem as suas castanhas, mas quê, já não havia, de tantas darem! Nem os da cozinha tiveram.

Veio o Domingos buscar a merenda para eles mas o apêto de toda a gente era tanto que ele deixou cair o prato onde levava as castanhas e pumba; lá se foram as castanhas dos cozinheiros! E não comeram castanhas do magusto de 1945. Paciência.

///

Queremos agora piões e faniadeiras porque agora andam na baila os botões arrancados das blusas, das calças, das camisas e de toda a roupa que muitos arrancaram. Os principais foram: o Ernesto, o Chico, a Carlitos, o Joaquim de Sinfães, e o Mázinha. E' por isso que eu peço aos queridos leitores que nos deem piões para acabarmos com este jogo, que só nos traz prejuizo.

///

O Ernesto foi premiado por ter achado 20\$00 e os ter entregado ao Sr. professor para saber de quem eles eram. Tinha sido o Sr. Padre Américo que alguns minutos antes os tinha perdido na escadaria. A' noite foi premiado com três paus de chocolate, a ir vender «O Gaiato» ao Pôrto na próxima venda e comer à direita do Sr. Padre Américo. Parabens ao Ernesto.

Veio hoje ao meu quarto o *Avózinha* chamar-me para o chá. Ora eu estranhei, por quanto o Amadeu Elvas é que é da obrigação. Quiz saber e fui informado de que ele ficara a dar a merenda aos nossos mais pequeninos. Fui observar. Era na cozinha. O *Pretila*, muito choroso, pedia o seu quinhão de leite, de tijela na mão. Pois não tomou leite! O pequeno Amadeu Elvas, senhor do seu papel e da sua responsabilidade, disse-lhe que não. Que não acudiu ao toque; que já todos tinham tomado, só ele ficara para trás. Espera-se que o *Pretila* venha amanhã a tempo e horas. Quem disse que não há ordem na nossa casa?! O *Pretila* é irmão do *Preta* da rouparia e do *Preta* das retretes. São três irmãos que cá temos, cuja história se não conta para não tirar a graça a esta história.

ALGUNS dos nossos, foram ontem a Penafiel à feira de São Martinho, com o Poeta a tomar conta. Compraram

NOTÍCIAS

gaitas de barro. Enquanto as não partirem, não se pode aqui viver! O Zé Eduardo também foi. Como tem um aspecto muito doutoral e levava um sobretudo muito bonito, ficou sem a carteira! O Zé Eduardo anda em maré de pouca sorte. Aqui em casa também roubaram uma *pistola* que ele lá comprou. O rapaz fez a denúncia. O Senhor Padre Fatela declarou que os da casa número três não iriam para a mês, enquanto a *pistola* não aparecesse. A *pistola* apareceu. Tinha sido o Manuel de Anadia. O Manuel de Anadia já tem feito mais assim. Esta nota há-de ser lida aqui em casa e ele há-de vêr o seu nome em letra de imprensa e ser chamado à pedra.

TODAS as segundas-feiras é uma festa antee que o *Comércio do Pôrto*, jornal que nós assinamos, venha

DIVERSAS

ter á nossa mão. Os mais interessados no jogo da bola, põem-se á cóca, e quando chega o da obrigação de ir ao correio, apanham-no nos corredores, estendem o jornal no chão, e toca a ver quem ganhou. No derradeiro desafio, perdeu um clube que tem cá em casa muitos apaixonados. Quando se soube do desastre, foi uma grande tristeza. Andavam em ar de funeral. O Amadeu Elvas veio ao meu quarto dar um recado. Ele é dos apaixonados do clube que perdeu. Eu dei-lhe os meus sentimentos com uma pontinha de malícia, justamente porque nos dias de vitória, ninguém o atura aqui em casa. Ora se ganha, ora se perde, disse-me o rapaz, todo formalizado, e virou costas!

O Amândio do Pôrto é gago. Faz uma cara muito feia e mexe muito as pestanas, no que traz grandes trabalhos á vida da nossa casa. O Amândio, que já tem a quarta classe, anda a fazer exame de aptidão para tomar conta de um emprêgo no Pôrto. São muito frequentes os sarilhos que ele arranja, pela sorte que dá a quem lhe chama gago. Ontem, houve aqui um barulho muito sério enquanto arrumavam as mesas do jantar. Foi ele mai-lo Inácio que também é tripeiro. Este chamou-lhe gago. Aquê, pastelão. Palavra puxa palavra, e mediram as forças bem medidas. A gente deixa, porque eles são do mesmo corpo e tem a mesma idade.

A senhora, trouxe da feira de S. Martinho um boneco para o *Bucha*. *Bucha* é o Gaspar Pinto aquêle pequenino a quem uma mulher de Espinho tocou, com o recado de caminhar, caminhar, caminhar, at' dar com o nariz na Casa do Gaiato. O pequenino caminhou, caminhou, caminhou, e cá veio ter. Isto basta, para consagrar uma obra. Não há coração que fique calado ao ouvir falar

de episódios assim! Pois o *Bucha* tem um boneco e guarda-o muito bem guardadinho durante a semana para o possuir todas as horas do domingo. Pequenino, já sente o peso da obrigação sobre os seus ombros. Aprendeu por si mesmo a lição do trabalho.

CHEGARAM mais três ovelhinhas. O chefe da estação mandou recado e três dos nossos foram por elas. O nosso rebanho está a aumentar, a aumentar, mas o carneiro faz dele um caso muito sério. Todos fogem de ser pastores. Era o Arouca, mas como é muito surdo, faltava-se de levar marradas e acabou por desistir. Apareceu o Gregório do Fundão todo prosápia, a dizer que os carneiros da terra dêle tem mais chifres e mais força, mas depressa retorceu! Agora, é o Filipe de Seixal. Quando o carneiro arremete, êle estende-se imediatamente e fica por morto. O animal vem, cheira e volta.

AQUÊLES dos nossos chefes com a missão de atribuir rações, levantam grandes sarilhos na nossa comunidade. São os mais humanos e os mais compreendidos. Não há ninguém no mundo que seja isento de uma *afeiçãozinha* particular. A gente intervem, logo que as vítimas se queixam. Ontem, foi com o leite. O Amândio dava mais aos *compadres*. Mas o sarilho mais importante foi o do açúcar. Era o Francisco de Lisboa que tinha a seu cargo os açucareiros. Fazia da mão colher e distribuía pelos seus afeiçoados. Deu-se fé. Os descontentes apitaram, e Francisco de Lisboa, foi chamado à pedra. São defeitos das qualidades da nossa obra.

OH! Alfredo, que me gastas tanto tempo com a *risca*!

— Não senhor; foi o Oscar que me fez. O Pôrto, que foi há dias rapado, emprestou o espelho e o pente a quem no rapou: o Periquito. Aqui não há ressaibos. Periquito assim munido, traz a *risca* como ninguém!

O Amadeu Elvas contou-me agora aqui, de como um senhor lhe preguntara, no Pôrto, se cá havia alguns Carlos, e de como êle fôra num instante chamar o Carlos Alberto, que andava ali pertinho a vender. Mais disse a testemunha, que o dito senhor preguntou coisas ao Carlos Alberto e lhe dera para a mão um *substantivo*. Sem saber do que se tratava expliquei que o tal *substantivo* devia ser um distintivo. Tendo obrigado o rapaz a pronunciar a palavra nas suas quatro sílabas para êle fixar e dando-lhe ao mesmo tempo o seu significado. Há *já sei*; é como o *Sporting*. O amor às coisas, dá imediata compreensão delas. Ora o rapaz ama o *Sporting*.

Fui depois á Casa do Pôrto e ali soube pelo Carlos Alberto do que se trata. Vi o boletim da inscrição e o *substantivo* do Elvas. Ora nós temos cá mais Carlos. Temos o Carlos Gonçalves mais conhecido pelo Carlos de Tábuca que tem entre nós o nome de *Girafa*, por ser muito alto. Temos o Carlos Celerino com uma fôlha tão suja que nem se pode dizer. Mas não foi êle que a sujou. E temos o Carlos de Casaldelo, dum grupo de três irmãos que vive na nossa *aldeia*. Se algum senhor dêste nome e membro do grupo dos Carlos quizer fazer a admissão de algum dêstes, pode fazer como o senhor do Pôrto ao Carlos Alberto. Fique desde já sabendo que, por agora, *todo* o interesse reside justamente no *substantivo*. Eles morrem por um distintivo ao peito. E' a idéia substantiva que êles fazem do grupo. O Elvas disse bem.

Um caso

Foi aqui há tempos. Eu abri uma carta e trazia dentro uma nota de libra do banco da Inglaterra. Mirei e remirei. Lá estava o nome colossal. Os bancos são colossos. Quando vou a Lisboa e passo rentinho a êles, aos maiores, não tenho medo, mas digo muito baixinho, que não há nada no mundo que mais empobreça e empeque-neça a humanidade. O Mestre-meu entesorei no Céu! Pois mil reisinhos seguros, que naquela maré me faziam um jeitão. A caminho do cambista, ia mirando a dita e recordando os tempos em que recebia ordenado e pedia ao caixa que me desse algumas libras em papel, que o oiro incomodava pelo peso. Oh tempos! O cambista tomou a nota e deu por ela duas de vinte do nosso Banco. Eu refilei. Ele respondeu que a nota não valia mais. Isto aconteceu há meia dúzia de meses.

Era a noite de natal de 1920. O Hotel Polana, em Lourenço-Marques, acabava de ser aberto ao público. Muita gente foi ali ceiar e eu idem. Naquele tempodia-o fazer airosamente, porque não era Padre nem era Américo. Era eu. Comeu-se e bebeu-se e o mais que diz respeito a festas-daquela natureza e naquelas paragens. No fim, dirigi-me ao caixa com notas do Banco Ultramarino, satisfazer. Eram de uma emissão de dinheiro esterlino que o banco fizera naqueles tempos de desordem nacional. O caixa olhou para as notas, impertigou-se muito impertigado e disse para mim: *Vá buscar dinheiro inglês*. Eu podera não ter ido, mas não gosto de zaragatas e como trazia na algibeira notas dos bancos dêles, satisfiz. Isto foi no Hotel Polana, onde estava e cuido que ainda está na ponta de um mastro, a bandeira Portuguesa!

Ora eu, ao receber do supracitado cambista os 40\$00 da nota, fiquei prejudicado, sim, mas muito contente. Os tempos vingaram-me!

///

PRETENDI mandar há dias ao Pôrto um dos nossos, no combóio da tarde, que chega depois das horas de ceia.

— E se tu chegas e não tens sôpa? — Quantas vezes me dei-te sem ela? O pequenino fixou a vista não sei aonde, enquanto os olhos marejavam. Tinha ficado sem pais, abrigado, por esmola, numa família numerosa.

— Eramos muitos. O comer não chegava!...

Como é delicioso viver e tratar com estas crianças, afeitadas ao sacrificio!

HOJE, de manhã cedo, caiu aqui o Carmo mai-la Trindade. Foi o Zé Saltim banco que agora se chama o Zé da cozinha, por ser ajudante dos cozinheiros. Este atraio é muito conhecido dos leitores por ter estado na Casa do Pôrto e sido vendedor do jornal. Ali era refilão de marca; chegou a bater o pé aos donos da Ateneia! Aqui continua, quasi na mesma. Ninguém nasce refilão, mas a verdade é que eusta muito a tirar ao homem as coisas que o bérço lhe dá. Pois caiu aqui o Carmo abaixo e a Trindade também. O Zé Maria, é que desperta na camarata que foi do Periquito, por êste ter passado a viver nas novas casas da Aldeia. Chegando que foi ao leito do Zé saltimbanco, êste abriu os olhos, mandou-o bugiar e virou-se para o outro lado. Zé Maria rapou da cana que trazia debaixo do braço, e o resto s'ó visto!

ANO I
feitas,
à espe
das na
a pisa
E' u
espaço
Os no
vam e
abrigo
a esta
morar
Vivian
casa.
em sua
rio rep
casa.
por ou
provel
acto e
vontad
vão au
estuda
també
os que
na inc
regres
e refle
sermo.
os del
aquêl
tivera
cipal
a sua
um do
crimín
dos s
certa.
tivera
Um
Avelin
mas c
era zé
e anu
que s
compe
peque
zôna
mas s
casa!
casa!
começ
nos tr
as pe
certa.
verda
pendi
Ter
prese
que
falato
ções.
ningu